

Unidade é a garantia da nossa vitória

— destaca discurso do Presidente Chissano na recepção por ocasião do 25 de Junho

O Presidente da República Joaquim Alberto Chissano afirmou ao discursar na recepção que ofereceu por ocasião do dia 25 de Junho que o bem de amanhã será fruto dos sacrifícios de hoje, e exortou todo o Povo moçambicano a unir-se, como principal arma contra o inimigo. Transcrevemos na íntegra o discurso do Chefe de Estado:

Camaradas membros do Bureau Político do Partido Frelimo;

Senhores membros da Comissão Permanente da Assembleia Popular;

Camaradas membros do Conselho de Ministros;

Senhores membros do Corpo Diplomático;

Senhores convidados;

Caros Amigos;

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Estamos aqui hoje para celebrarmos juntos, os 25 anos da fundação da FRELIMO e os 12 anos da nossa Independência.

É desejo de todos nós, que efemérides tão importantes da vida da Nação, sejam comemoradas no meio de grande alegria, com manifestações recreativas e culturais massivas, com convívios onde não falte boa comida nem bebida em abundância; que o nosso desejo, que nestas celebrações estivessem presentes delegações nacionais de todas as províncias, dos cooperativistas e aldeões que se distinguiram, dos camponeses e operários mais destacados na frente de produção, dos estudantes e professores com os melhores coeficientes de aproveitamento e rendimento, dos soldados, sargentos e oficiais que, pelos seus actos de bravura e patriotismo servem de exemplo a todos aqueles que lutam para libertar o nosso solo sagrado da presença dos inimigos da Pátria moçambicana.

Gostáramos também, que se juntassem a nós delegações de países amigos, de organizações internacionais de solidariedade, de partidos que nos apoiaram durante a Luta de Libertação Nacional, enfim, todas as personalidades e organismos que, de uma ou outra forma, contribuíram para poderemos afirmarmo-nos como cidadãos dum país soberano e independente há 12 anos, dirigidos por um Partido que, completando um quarto de século de existência, nos transmite um sentimento de segurança e a certeza de continuarmos unidos e firmes na consolidação das vitórias que acumulámos ao longo de todo este tempo.

Tudo isto seria possível, se não

tívéssemos sido obrigados a desviar os nossos recursos para fazer face a despesas prioritárias, nomeadamente para fazer face à guerra não-declarada que nos é movida pelo regime do «apartheid», e por aqueles que o apoiam e dele se sustentam.

Por isso, é modesta esta nossa festa. Não temos mais variadas iguarias nem bebidas à disposição; mas, mesmo assim, creio eu, temos o suficiente para este nosso convívio, onde estão amplamente representados muitos dos sectores que intervêm na vida social, política, cultural e económica da Nação. A vossa presença é testemunho do grandioso esforço comum em que todos estamos empenhados para que, na nossa Pátria, ganhe cada vez maior expressão o clima de paz e harmonia entre todos aqueles que defendem os verdadeiros interesses do povo moçambicano e que não se aliaram aos seus inimigos, inimigos que semelam por onde passam apenas a morte e a miséria.

Nos vinte e cinco anos de existência da FRELIMO, sempre que se nos contrapuseram inimigos do povo, foi com a força da unidade que respondemos ao desafio e os vencemos.

Agora, que enfrentamos o poderio destruidor e desumano de um inimigo que, com a sua guarda avançada, os bandidos armados, nos ataca e procura destruir-nos, temos também dado provas de unidade nacional inquebrantável.

É a força desta unidade, fortalecida pela vontade de continuarmos a ser nós próprios a definirmos o nosso próprio futuro, que nos anima e, como até hoje, continuará a guiar-nos no processo de consolidação da nossa independência, na luta pela paz e pelo progresso da nossa Pátria.

Os ataques e ameaças de que somos alvo e que o «apartheid» persiste em lançar para enfraquecer e desestabilizar, a nós e aos países da região, não farão esmorecer a determinação dos povos na sua luta pela criação de condições para a construção pacífica dos seus países.

O «apartheid» é um sistema minado pelas suas próprias contradições internas, condenado pelos fóruns internacionais e que, cada vez mais, se vê reduzido à sua irracionalidade inaceitável e desumana. Por isso ele tenta em fazer-se de vítima, para tentar legitimar-se pela única via que lhe resta: a força e a violência, porque

já não tem razão nem serenidade. Mas nem a força, nem a violência humanas, impediram que o desafio aberto e directo do povo sul-africano contra o regime racista do «apartheid», ganhasse amplitude que ganhou no seio de quase todas as organizações, sejam elas culturais, políticas, estudantis, sindicais ou religiosas.

Temos hoje aqui, entre nós, um dos mais corajosos representantes desta luta que o povo sul-africano trava contra a opressão e a injustiça que são a própria natureza do «apartheid» — o Arcebispo anglicano sul-africano, Desmond Tutu, figura mun-

de, inevitável. Mas o estertor dos monstros é sempre perigoso para quem está próximo do seu leito de morte. Neste contexto, cabe-nos a nós, mantermo-nos mais unidos, vigilantes e activos do que nunca, na defesa da nossa soberania e independência. Cada um de nós deve ser uma sentinela, um soldado, onde quer que desenvolva a sua actividade e deve pôr as suas armas, sejam elas a espingarda ou a enxada, o martelo ou a caneta, ao serviço do povo moçambicano na defesa dos valores que materializam a paz e o progresso para todos.

Devemos empenharmo-nos criativa-

27-6-87

nante na liquidação dos inimigos do povo e na defesa da soberania do nosso País. Apesar das árduas condições de luta e das dificuldades imensas que vêm enfrentando, continuam firmes na defesa intransigente das conquistas revolucionárias alcançadas até agora. Na acção corajosa e nos sacrifícios consentidos pelos nossos soldados, sargentos e oficiais, assentada a base das nossas vitórias, do nosso futuro, do nosso progresso e da paz. Queremos aproveitar este momento para saudar vivamente os soldados, sargentos e oficiais das Forças Armadas de Moçambique — FPLM que, com a sua coragem e de-

terminação patriótica, têm consubstanciado a resistência ancestral do povo moçambicano, as vitórias e conquistas pela afirmação da nossa identidade e liberdade, ao longo de toda a nossa história. (Aplausos).

Saudamos também os camponeses e operários, a juventude, a mulher moçambicana, os professores e estudantes, os continuadores, os artistas,

os intelectuais, os técnicos e todos aqueles que vivem na República Popular de Moçambique e que, nas suas preocupações e no seu trabalho põem, acima de tudo, os interesses da Pátria e do povo moçambicanos. Saudamos também, com grande simpatia, os cidadãos estrangeiros que conosco partilham os seus conhecimentos científicos, técnicos e profissionais. Longe do calor dos seus lares, do convívio dos seus amigos e familiares, possibilitando assim a formação de quadros nacionais, que garantirão o aproveitamento pleno e racional das nossas riquezas e o progresso material e espiritual de todo o povo moçambicano.

A comunidade internacional e seus representantes dirigimos uma saudação especial. A acção decisiva que têm desenvolvido, a compreensão e o apoio que nos têm dispensado, a resposta imediata e adequada com que nos têm correspondido, ultrapassaram tudo o que seria de esperar e, calando bem fundo no coração dos moçambicanos, incentivam-nos a estreitar cada vez mais este amplo abraço fraternal. (Aplausos). Este sentimento de amizade e solidariedade estende-se ao corpo diplomático acreditado na República Popular de Moçambique que, tão dignamente, têm representado os seus povos e governos, esforçando-se por estreitar cada vez mais os laços de amizade e mútua compreensão existentes entre nós, e permitindo-nos perspectivar um mundo cada vez mais harmonizado pela Paz e Cooperação entre os povos.

As comemorações deste nosso grande dia têm sido recheadas de um grande movimento de participação de todos os sectores da população. Reuniões populares, palestras, e discussões sobre a nossa vida e a nossa história, actividades desportivas e culturais, exposições de artes plásticas, e de fotografia, sessões de teatro, saraus de poesia e acções de homenagem aos nossos heróis fizeram brilhar mais o sol da nossa terra e tornaram mais belo o brilho partilhado da luta.

As «noites de prata» galvanizaram artistas, empresários do espectáculo, jovens e a população em geral. As acções de cada um juntaram-se as iniciativas de todos e, assim, celebrámos condignamente o 25 de Junho, elevando-nos à altura da importância que esta data tem na nossa história.

Saudamos também os camponeses e operários, a juventude, a mulher moçambicana, os professores e estudantes, os continuadores, os artistas,

as celebrações em todas as províncias.

Saudamos os operários, os camponeses, saudamos o povo moçambicano que soube encontrar, pelo sacrifício e pelo trabalho, o manancial de alegria e de esperança que hoje nos anima.

Saudamos todos os que se envolveram nos preparativos e na execução das tarefas que possibilitaram as comemorações do 25 de Junho.

Saudamos os artistas, os desportistas, os pintores, os escultores, os poetas, os escritores, os músicos, os jornalistas e os trabalhadores de todas as áreas, pelo seu entusiasmo e generosidade.

Saudamos os amigos e os profissionais que deixaram os seus países, para se juntarem a nós nesta festa, dando-lhe mais brilho, mais sabor popular e um clima autêntico de solidariedade.

A amizade, o empenho, o saber e a dedicação de todos, engrandeceram os 25 anos da fundação da FRELIMO e os 12 anos da nossa independência. Facilitações e obrigado a todos.

Engajemo-nos no reforço da unidade e da vigiância, no aumento da produção e da produtividade, no trabalho árduo e criativo. Só desta maneira será possível, num futuro próximo, comemorarmos as nossas datas nacionais com toda a alegria, com mesas artísticas bem regadas em cada lar, do Rovuma ao Maputo.

Que os 25 anos da FRELIMO sejam um marco histórico para a arrancada final na conquista da Paz e felicidade para todos nós.

Que os 12 anos da nossa Independência sejam uma base de reflexão sobre o comportamento de cada um de nós, em prol da defesa do nosso Estado Popular e na luta contra os inimigos do Progresso do nosso País; que esta data sirva de referência para reflectirmos sobre o contributo pessoal que deve caracterizar a acção de todos nós para o engrandecimento da Pátria.

Pego que todos se juntem a mim num brinde:

- Pela saúde de todos vós;
- Pela felicidade nos vossos lares;
- Pela amizade e solidariedade entre os povos;
- Pelo 25 de Junho de 1987;
- Pelos 25 anos da FRELIMO;
- Pelos 12 anos da República Popular de Moçambique;
- Pela paz e pelo progresso.

A Luta Continua!

Muito obrigado.



O Presidente Joaquim Chissano, quando era saudado pela multidão que o aclamou após a colocação da coroa de flores depositada no monumento dos Heróis moçambicanos no passado dia 25

dialmente conhecida e prestigiada, Prémio Nobel da Paz, que se tem esforçado incansavelmente na denúncia das arbitrariedades, injustiças e crimes do «apartheid». (Palmas).

A consciência do povo sul-africano cresce e fortalece-se no permanente confronto com a violência quotidiana de que é vítima. Não duvidamos que a queda do regime do «apartheid» é

mente no Programa de Reabilitação Económica em curso no País, porque é através do seu cumprimento que abriremos as perspectivas de um futuro melhor. O bem-estar de amanhã será fruto dos sacrifícios de hoje.

As nossas Forças Armadas de Moçambique — FPLM têm desempenhado um papel fundamental e determi-

nação patriótica, têm consubstanciado a resistência ancestral do povo moçambicano, as vitórias e conquistas pela afirmação da nossa identidade e liberdade, ao longo de toda a nossa história. (Aplausos).

Saudamos também os camponeses e operários, a juventude, a mulher moçambicana, os professores e estudantes, os continuadores, os artistas,